



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da nova unidade de produção da Fábrica de
Calçados Ferracini**

Franca-SP, 14 de maio de 2004

Eu quero, primeiro, cumprimentar a Direção da empresa Ferracini,
Quero cumprimentar os companheiros representantes dos trabalhadores
e do movimento sindical,

Quero cumprimentar os meus ministros,

Quero cumprimentar a minha companheira, dona Marisa Letícia Lula da
Silva,

Os deputados federais,

Os deputados estaduais,

O secretário de Trabalho do estado de São Paulo, que está aqui.

Possivelmente, se não tivesse problemas de agenda, o governador
Geraldo Alckmin, certamente, estaria presente aqui, porque temos participado
de dezenas de atividades juntos, aqui no estado de São Paulo.

Antes de falar o que tenho para falar para vocês e que já está escrito, eu
quero reiterar para os empresários uma coisa que o meu ministro do
Desenvolvimento, Luiz Furlan falou. Hoje, e é importante que todos os
empresários saibam, nós temos muito mais problemas de falta de projetos do
que de falta de dinheiro. É importante ter claro isso porque, se tiver bons
projetos, posso garantir a vocês que não faltará dinheiro para que a gente
possa financiar esses projetos. E, se ao entrar com o pedido de um projeto e,
por qualquer problema burocrático demorar, é só falar com o Furlan, que ele
vai ajudar a resolver.

Ontem, eu disse no Conselho e vou repetir aqui: o que faz uma indústria



crescer ou o que faz um governo gerar empregos não é apenas ter dinheiro. É preciso ter projetos. Ou seja, é o projeto que faz o dinheiro e não o dinheiro que faz o projeto. Você pode ter muito dinheiro, mas, se não tiver projeto, termina o ano, você está com o dinheiro todo no caixa do banco e não é emprestado. Se você tiver bons projetos, você pode consumir todo o dinheiro que tiver para emprestar, até antes de vencer o ano. E, aí, nós vamos ter que brigar para arrumar mais dinheiro para emprestar.

É essa a lógica que nós estabelecemos no BNDES, no Banco do Brasil e na Caixa Econômica Federal. O Furlan disse: o BNDES tem 47 bilhões de reais para fazer financiamento; o Banco do Brasil saiu de 8 bilhões para 18 bilhões para fazer financiamento a pequenas e médias empresas; e a Caixa Econômica tem mais dinheiro do que já teve, em qualquer outro momento, para financiar a construção civil neste país.

A segunda coisa que acho importante é ver essa quantidade imensa de meninas e meninos jovens trabalhando nesta fábrica e, sobretudo, ver o carinho que vocês têm pelo dono da fábrica. Isso demonstra que um empresário que já foi sapateiro e que não perdeu a sua relação humana com os seus companheiros merece o respeito que você mereceu quando foi chamado aqui e recebido carinhosamente pelos funcionários da Ferracini. Isso demonstra que nós não podemos nunca perder a esperança no ser humano e na relação humana. Ou seja, um sapateiro que vira empresário, um empresário bem-sucedido, que consegue fazer distinção da sua nova função com o que foi no passado, mas que conhece como ninguém a vida e o sacrifício de um sapateiro na cidade de Franca.

Por isso, está de parabéns a Direção da empresa e estão de parabéns os trabalhadores desta empresa.

A última vez que estive aqui em Franca, por ocasião da 35ª Feira Nacional do Calçado, em julho do ano passado, afirmei que era desnecessário fazer qualquer apologia ao setor de calçados porque nosso produto é



competitivo – em relação a qualquer mercado – e de qualidade igual ou melhor do que qualquer outro calçado do mundo.

Afirmar, também, que os empresários da indústria de calçados podiam contar, como estão contando, com a parceria do governo federal, através do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, do BNDES ou do Banco do Brasil para voltar a exportar, como nos melhores momentos de sua história, e assim ajudar a criar os empregos de que o país tanto precisa.

Retorno, menos de um ano depois, para compartilhar com vocês o avanço do setor, simbolizado aqui pela expansão das Indústrias Ferracini e pelo crescimento da oferta de novos empregos que ocorre, de modo exemplar, na cidade de Franca.

Vocês sabem, e viveram isso profundamente, que o setor brasileiro de calçados enfrentou um longo período de crise.

Primeiro, ele foi atingido na sua competitividade pelo Plano Real, que tirou a vantagem relativa existente na política cambial da época. Havia, também, a defasagem tecnológica e de gestão das empresas, problemas comuns a muitos outros setores em nosso país.

Além disso, no mesmo período, empresas da China e do Leste Europeu começaram a disputar fortemente o mercado dos Estados Unidos, nosso principal comprador.

A crise, que se alastrou de meados dos anos 90 até 2002, teve seu ponto crítico no início de 1999, quando os postos de trabalho na indústria de calçados de Franca foram reduzidos a apenas 15 mil, enquanto na década de 80, haviam chegado a quase 38 mil postos de trabalho.

Vocês venceram a crise desenvolvendo uma nova estratégia comercial, passando a buscar, de modo arrojado, novos mercados em todas as partes do mundo.

Nossa presença em feiras internacionais passou a ser cada vez mais freqüente e intensa. O contato da nossa indústria com as novas tecnologias



existentes, nos países de ponta, foi outro aspecto importante dessa estratégia. Desses contatos resultaram não só a importação de maquinário avançado, mas também a produção nacional de novas máquinas pela indústria do setor.

Franca, nesse sentido, é um exemplo para todo o Brasil. Temos, aqui, uma das poucas cidades brasileiras que possui toda a cadeia produtiva localizada no mesmo espaço territorial, ou seja, desde o curtimento do couro até grandes empresas que negociam a comercialização dos sapatos nos mercados interno e externo.

Isso cria as condições ideais para o desenvolvimento de novos produtos, com parcerias entre os segmentos da cadeia produtiva.

O resultado de todo esse trabalho foi a reafirmação da indústria aqui em Franca e em outros pólos do nosso país, fazendo com que o calçado seja um dos itens mais vendidos no exterior, nos três primeiros meses deste ano.

Os dados disponíveis para 2004, meu caro Furlan – certamente foi você quem me passou esses dados aqui – revelam um crescimento de 56,5% de calçados exportados e um aumento correspondente de mais de 57% no valor dessas exportações.

São cerca de 415 milhões de dólares de faturamento, ou seja, 17% a mais do que o total vendido no mesmo período de 2003.

Um bom exemplo é o da própria Ferracini, que vende em todo o Brasil e exporta para mais de 40 países com a marca própria, já registrada em 25 deles.

Esse esforço do setor permitiu a criação de 4 mil e 500 novos empregos somente na indústria de calçados, o que representa um aumento de cerca de 15% em comparação aos três primeiros meses do ano passado.

Conseguimos atingir 22 mil empregos na indústria francana, número que demonstra que estamos no caminho para recuperar – e, quem sabe, superar – o patamar histórico das 38 mil vagas que existiam aqui, anos atrás.



Esses dados sobre a criação de novos empregos confirmam o que foi divulgado pelo CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, ou seja, no período de janeiro a março de 2004, foi registrado em nosso país, o melhor desempenho do nível de emprego com carteira assinada desde 1992, início dos registros feitos pelo CAGED. Foram criados, nesse período, 437 mil novos empregos no Brasil.

A indústria brasileira de calçados alcançou o segundo lugar entre os diferentes ramos de atividade do setor industrial, criando, em todo o país, 13 mil e 500 novos postos de trabalho, de janeiro a março deste ano.

Esse fato confirma também a tendência de crescimento do emprego assalariado no interior do país, como está ocorrendo aqui, nesta querida cidade de Franca.

Felizmente, a nossa indústria como um todo já cresceu 5,8% no primeiro trimestre deste ano, comparado com o mesmo período do ano passado, como acaba de divulgar o IBGE.

São os primeiros resultados do esforço que o meu governo vem fazendo, em parceria com a iniciativa privada, no sentido de expandir as exportações, fortalecer o mercado interno, criar novos empregos e garantir que o Brasil continuará crescendo de modo sustentado, promovendo cada vez mais o desenvolvimento com inclusão social.

Meus amigos e minhas amigas da cidade de Franca,

Meus amigos e minhas amigas da Ferracini,

Eu não tenho dúvida nenhuma que o exemplo que estamos vendo nesta Fábrica, o exemplo que possivelmente poderíamos ver em outras fábricas na cidade de Franca nos dão a certeza de que o Brasil haverá de galgar vitórias extraordinárias no mercado internacional, exportando os sapatos produzidos aqui. O Brasil às vezes exporta 17, 18, 19 milhões de peças de couro *in natura* para países que vão produzir sapatos e competir conosco. Eu não sou contra o Brasil exportar o couro *in natura*, mas o que nós precisamos trabalhar, de



forma incansável, é para que cada vez mais, o Brasil exporte menos couro e exporte mais sapatos, porque estaremos exportando valor agregado, estaremos exportando mão-de-obra qualificada, estaremos exportando, na verdade, produtos que podem significar geração de empregos, renda e distribuição de riquezas.

O Furlan estava comigo em Genebra, quando um empresário importante do setor da indústria automobilística afirmou, num encontro com mais de 220 empresários do mundo inteiro que, numa pesquisa feita nas fábricas daquela empresa em todo o mundo, a conclusão a que eles chegaram era que o produto de melhor qualidade daquela fábrica era produzido pelos trabalhadores brasileiros. E não disse isso para agradar, lá, porque depois, no Brasil, num ato que nós fizemos dentro da empresa, esse empresário repetiu isso, na frente dos trabalhadores, para motivo de orgulho dos trabalhadores.

Olhando na cara dessas meninas, passeando um pouco na linha de produção, vendo cada um fazendo a sua função – quando a gente põe um sapato no pé a gente não tem noção do caminho que ele percorre, por quantas mãos ele passa, o carinho com que ele é tratado em cada uma das suas funções, desde o cidadão que corta o barbantino, até o cidadão que monta a sola, o cidadão que pule o couro. A gente não tem noção do carinho, a gente não tem noção, aliás, de como é feito um sapato.

E eu quero dizer aos trabalhadores: não tenho dúvida nenhuma de que, na hora em que as regras do jogo do mundo comercial estiverem mais equilibradas e mais justas, não haverá nenhum país do mundo que possa competir com a criatividade e a capacidade produtiva do trabalhador brasileiro. Não tenho dúvida nenhuma de que seremos imbatíveis na hora em que nós conseguirmos mais espaço para que os nossos calçados cheguem aos pés dos bilhões e bilhões de seres humanos que precisam experimentar o que é um calçado produzido em Franca e o que é um calçado produzido aqui, na Ferracini; sobretudo, se eles conseguissem ver a cara boa e alegre destes



funcionários que estão aqui, uma cara de quem está de bem com a vida, uma cada de quem está satisfeito com o que está fazendo, uma cara, eu diria, do próprio povo brasileiro.

Acho que vocês merecem o sucesso desta empresa e esta empresa merece o sucesso de vocês. E eu acho que o Brasil precisa continuar a merecer o carinho, a dedicação e a paciência de vocês, porque, muitas vezes, as pessoas acham que tudo pode acontecer num passe de mágica. E governar não tem mágica, como na vida da gente.

Cada um de vocês carrega um sonho e cada um de vocês trabalha, cotidianamente, na perspectiva de cumprir esse sonho. E vocês vão descobrindo, na medida que o tempo vai passando, que nem sempre o sonho é capaz de ser realizado no tempo que a gente quer, com a pressa que a gente tem e com a vontade que a gente está determinado.

O que a gente não pode perder de vista é que governar é igual a vida da gente. É igual: nós não podemos perder nunca a paciência, temos que ter sempre determinação nos objetivos que queremos alcançar, temos que fazer exatamente aquilo que precisa ser feito sem, em nenhum momento, deixar de falar a verdade para o povo brasileiro. É assim que vamos levar este país para a frente. É assim que vamos recuperar o tempo perdido. E é assim que vamos continuar gerando a riqueza e os empregos que o nosso povo tanto precisa.

Estou aqui feliz, porque, primeiro, não estou visitando uma simples fábrica, com simples empresários, com simples sindicatos, com simples trabalhadores. Eu vim aqui quando muitos de vocês, possivelmente, não eram nascidos ainda. Eu vim aqui participar de um ato de solidariedade aos trabalhadores de Franca, em 1985. Acho que muitos diretores desta empresa aqui eram sapateiros e estavam participando daquela greve famosa de 1985.

E com a mesma alegria eu volto, aqui, percebendo que houve uma evolução também na relação entre capital e trabalho, que houve uma interação e que, hoje, os empresários descobriram que a empresa irá cada vez melhor,



quanto melhores e mais satisfeitos estiverem os seus trabalhadores. E os trabalhadores descobriram que eles estarão cada vez melhores, quanto mais a empresa estiver melhor, quanto mais a empresa crescer e quanto mais a empresa ganhar dinheiro, porque significa que tem o que ser distribuído entre todo mundo.

Por isso, estou feliz e estou realizado. E espero, meu companheiro Gilmar, que tanto insistiu para eu vir a Franca participar desta inauguração, o que eu espero é que você me convide para que eu possa ter outros momentos de alegria, como este que estou tendo aqui.

Muito obrigado à Direção da Ferracini. Muito obrigado aos trabalhadores e às trabalhadoras da Ferracini. Muito obrigado aos deputados, aos ministros. E, sobretudo, muito obrigado a vocês, por vocês existirem e serem o que vocês são. Até a vitória, meus filhos.